



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA

ANTONIO JEFFERSON OLIVEIRA DOS SANTOS

AS DUAS MARGENS DOS ATLÂNTICO

FORTALEZA

2024

ANTONIO JEFFERSON OLIVEIRA DOS SANTOS

AS DUAS MARGENS DO ATLÂNTICO

Exposição de Arte (Trabalho de Conclusão de Curso na modalidade Expressões Contemporâneas em Dança) apresentado ao Curso de Licenciatura em Dança do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará (ICA/UFC), como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Dança.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Thereza Cristina Rocha Cardoso.

FORTALEZA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S233d Santos, Antonio Jefferson Oliveira dos.

As Duas Margens do Atlântico / Antonio Jefferson Oliveira dos Santos. – 2024.

31 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Curso de Dança, Fortaleza, 2024.

Orientação: Profa. Dra. Thereza Cristina Rocha Cardoso..

1. Ancestralidade. 2. Corpografias. 3. Cosmopoéticas. 4. Opacidade. 5. Performance. I. Título.

CDD 792.8

AGRADECIMENTOS

Aos meus guias espirituais, protegendo e me guiando nos caminhos e danças, bem como à dissidência e contranorma, humana e não-humana, e a todo afeto entre nós. Brindo o fim das estruturas de violência e de dominação e celebro à continuidade das nossas existências. Para que as ficções se tornem realidade e a criação seja o próprio estado da vida.

À todas que me antecederam, que abriram os caminhos com facões, lutas e que derramaram sangue pela luta antirracista, sobretudo na valorização e reconhecimento das existências pretas. Escrevo e celebro pela continuação de nossas vidas, conclamando vidas pretas importam (Black Lives Matter).

Ao meu querido vovô Valdemar, que me ensinou que a Arte e a Vida não se separam, por ter me agraciado com a “burrinha” e dançar junto de ti e de toda a família o nosso Careta/Reisado, pelo seu precioso tempo concedido e por todo afeto em oralituras, memórias e cantorias.

Às minhas famílias – desta que nasci e das que me acolheram ao longo da minha vida. Às minhas mães, à minha mãe, ao meu pai (em memória), às minhas irmãs, à minha irmã, aos meus irmãos, aos meus amores, ao meu companheiro, às amigas de longa e curta data.

À Prof^a. Dr^a. Thereza Cristina Rocha Cardoso, pela excelente orientação.

Aos professores participantes da banca examinadora Ana Aline Furtado Soares, Pablo Assumpção Barros Costa e Sandra Haydée Petit, pelo tempo, pela presença, pelas valiosas colaborações e apreciação das obras.

As amigas/es/os e colegas da turma de graduação e trabalhadores da cultura do Museu da Imagem e do Som do Ceará, em particular, aos integrantes do Fórum de Estudantes Pretes/as/os e Povos Originários do ICA – Instituto de Cultura e Arte da UFC, pelas reflexões, críticas, colaborações e orientações recebidas.

“O mar canta uma canção... nós é que
não entendemos.” (Cesária Évora)

RESUMO

A exposição-performance *As Duas Margens do Atlântico* transversaliza as poéticas do corpo, da memória, da identidade e da ancestralidade, expandindo as discussões no campo da Arte e da Cultura. Centrado no conceito de *corpografias em contexto*, o trabalho investiga saberes localizados, desobedientes e coexistentes, articulando criação artística através do corpo com interseccionalidades entre aprendizagem cosmopoética, cosmopolítica e corpolítica. A pesquisa opera no reconhecimento da resistência identitária pela opacidade e na promoção de um pacto entre eco e afro saberes, exercitando a anticolonialidade e convocando reparações históricas. Metodologicamente, o projeto mescla pesquisa bibliográfica, autobiográfica e crítica do processo criativo, com ênfase no relato de experiência da artista-pesquisadora em contexto Sul-Sul (Brasil-Cabo Verde). Fundamenta-se em conceitos dos estudos negros contemporâneos, tais como *cosmopoéticas* (Bona, 2020), *fugitividade* (Harney e Moten, 2013), *opacidade* (Glissant, 1996) e *afrografia* (Martins, 1997), para elucidar práticas artístico-pedagógicas étnico-raciais no Sul Global. A proposta desafia narrativas hegemônicas, posicionando-se como manifesto poético desobediente que corporifica a opacidade como estratégia de sobrevivência e resistência à colonialidade. A exposição concretiza-se em fotoperformances sublimadas em tecido produzidas nas margens de Cabo Verde e do Brasil, além da videoperformance *Caminho-Para-Mar*, projetada no espaço expositivo para dialogar com o percurso criativo. A montagem inclui elementos materiais simbólicos como areia do mar, barquinhos de papel, imagens pessoais e coletivas e bandeiras suspensas, criando uma atmosfera que evoca travessias ancestrais. A expografia, detalhada em fichas técnicas, enfatiza a materialidade e a disposição espacial como extensão do conceito de corpografias. Por fim, o trabalho celebra a conexão entre as margens atlânticas, destacando a língua crioula, a resistência feminina negra e as lutas quilombolas como eixos de uma pedagogia contracolonial. *As Duas Margens do Atlântico* propõe, assim, um caminhar epistemológico que valoriza tecnologias e intelectualidades pretas, reafirmando a arte como espaço de (r)existência e mobilidade social.

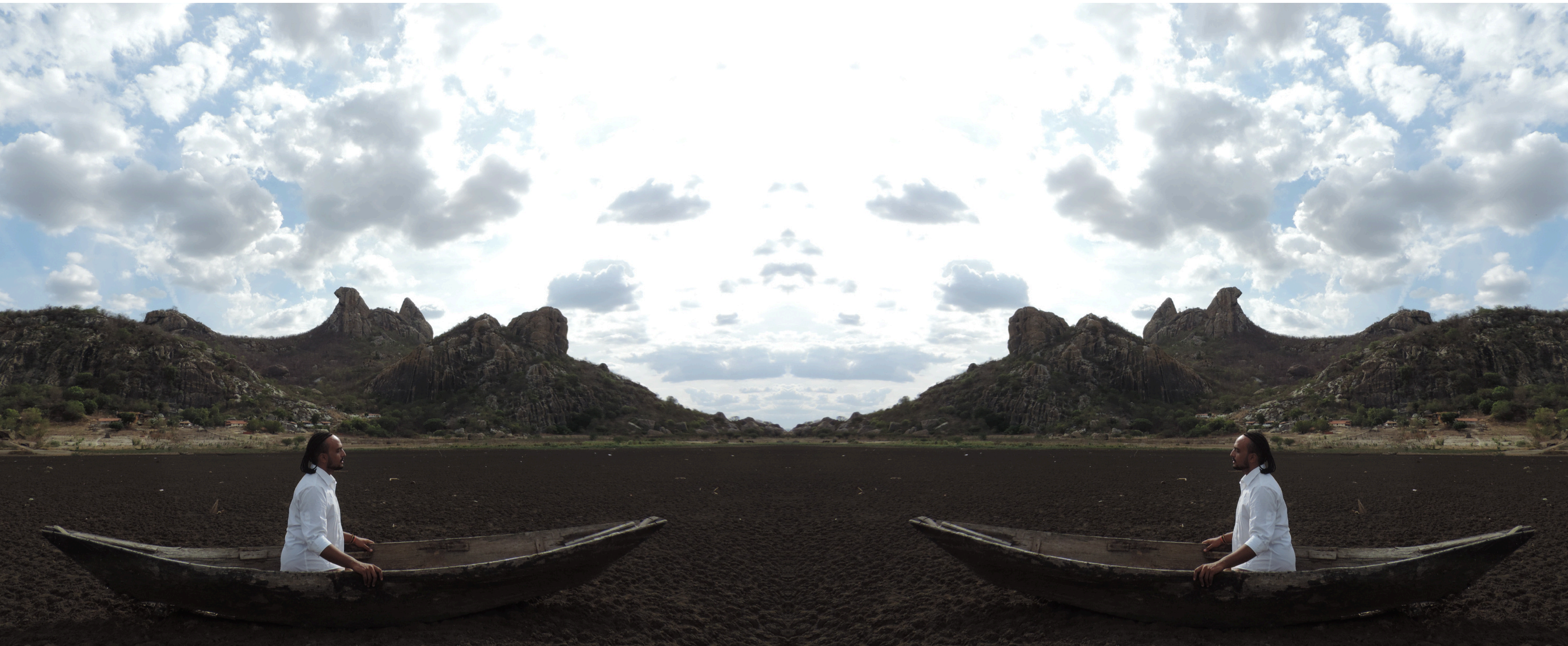
Palavras-chave: ancestralidade, corpografias, cosmopoéticas, opacidade, performance.

ABSTRACT

The performance-exhibition *As Duas Margens do Atlântico* intersects the poetics of the body, memory, identity, and ancestry, expanding discussions in the fields of Art and Culture. Centered on the concept of *corpographies in context*, this study investigates localized, disobedient, and coexisting forms of knowledge, articulating artistic creation through the body with intersections between cosmopoetic, cosmopolitical, and corporeal learning. The research operates by recognizing identity resistance through opacity and promoting a pact between eco and Afro knowledge, exercising anticoloniality and calling for historical reparations. Methodologically, the project combines bibliographic research, autobiographical inquiry, and critical analysis of the creative process, with an emphasis on the experience report of the artist-researcher in a South-South context (Brazil-Cape Verde). It is grounded in concepts from contemporary Black studies, such as *cosmopoéticas* (Bona, 2020), *fugitividade* (Harney and Moten, 2013), *opacidade* (Glissant, 1996), and *afrografia* (Martins, 1997) in order to elucidate ethnoracial artistic-pedagogical practices in the Global South. The proposal challenges hegemonic narratives, positioning itself as a disobedient poetic manifesto that embodies opacity as a strategy of survival and resistance to coloniality. The exhibition materializes in photo-performances sublimated onto fabric, produced on the shores of Cape Verde and Brazil, as well as in the video performance *Caminho-Para-Mar*, projected within the exhibition space to engage in dialogue with the creative process. The installation includes symbolic material elements such as sea sand, paper boats, personal and collective images, and suspended flags, creating an atmosphere that evokes ancestral crossings. The expography, detailed in technical sheets, emphasizes materiality and spatial arrangement as an extension of the concept of corpographies. Finally, the work celebrates the connection between Atlantic shores, highlighting Creole language, Black female resistance, and quilombola struggles as central axes of a counter-colonial pedagogy. *As Duas Margens do Atlântico* thus proposes an epistemological journey that values Black technologies and intellectualities, reaffirming art as a space of (re)existence and social mobility.

Keywords: ancestry, corpographies, cosmopoetics, opacity, performance.

As Duas Margens do Atlântico



Trabalho de Conclusão de Curso

Licenciatura em Dança



Alune: Jeff Santos

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Thereza Rocha

DANÇA
UFC

i
c
a
instituto
de cultura
e arte
UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ

Trabalho de Conclusão de Curso

Licenciatura em Dança

Projeto Experimental:

Exposição de Arte

Título:

As Duas Margens do Atlântico





Cabo Verde

01 - Apresentação da Obra

02 - Conceito

03 - Imagens da Obra

04 - Expografia

Brasil

Querido Futuro,
que um dia foi Passado
e agora é Presente!

Esta é uma Carta Aberta ao Mundo, a qual escrevo a partir do Contexto Sul-Sul, com desejo de que possa chegar aonde tem que chegar.

Hoje, ao recordar minha jornada no intercâmbio Cabo Verde (África), sinto um misto de emoções que transbordam para além das palavras. O que parecia ser apenas uma troca de conhecimentos, de histórias, de tecnologias, de saberes ancestrais, tornou-se uma ponte entre dois mundos ou como carinhosamente tenho chamado de "As Duas Margens do Atlântico". Uma viagem ancestral no tempo-espço do patrimônio cultural e natural na Mãe África. Um intercâmbio que propôs mais do que aprender sobre as sociedades que o envolvem, mas sobre como essas sociedades, em suas lutas e resistências, se entrelaçam com o meu próprio ser, com o Brasil, com as periferias, com os quilombos, com a luta negra, com os ecos de Lélia Gonzalez e a força da natureza das mulheres negras.

Em Cabo Verde, eu finalmente me encontrei diante de uma tela, imersa no filme-documentário "Pirinha". Aquelas imagens com que a Natasha Craveiro nos apresentava não apenas me impactaram, mas me tocaram de maneira profunda e sensível. O filme-documentário não é só uma crônica da vida de uma mulher extraordinária, mas também uma janela para a complexidade de sua alma e da história de sua terra. Natasha, com seu olhar sereno e suas palavras cheias de sabedoria, pareceu revelar os sentimentos e dores de uma geração que carrega no peito a luta por um lugar no mundo, o desejo de ser ouvida, respeitada, valorizada. Eu me vi refletindo sobre o meu próprio lugar, sobre a importância da voz feminina, especialmente a de mulheres negras, na construção de um futuro mais justo e igualitário. Em suas palavras, ouvi um grito mudo de todas as mulheres que lutam, de todas as histórias que não são contadas, mas que permanecem, firmes e eternas.

Depois, o intercâmbio tomou um rumo inesperado, pois, ao visitar a terra de Cesária Évora – La Diva Aux Pieds Nus (A Diva dos Pés Descalços), o vento trouxe algo que eu não poderia prever: uma sensação visceral de conexão com uma mulher que transcendeu as fronteiras do tempo. A experiência de assistir ao documentário “Cesária Évora” foi como reviver a alma de Cabo Verde, ouvir não só sua música, mas sentir o pulsar da história dessa mulher que se tornou a voz do povo. Era como se o mar, esse mar imenso que cerca as ilhas, tivesse escolhido sua cantora. O documentário fez com que eu entendesse que Cesária não era apenas uma cantora, mas um símbolo da resistência e da identidade cabo-verdiana, uma mulher que, oposta aos ditames do business da música internacional, com sua simplicidade e profundidade, cantava as dores e alegrias do seu povo.

E, ao final da apresentação do documentário, tive a grata surpresa e o grande privilégio de ouvir e conversar com Janete Évora, neta da diva, uma mulher de olhar tranquilo, mas de uma força imensa. Falar com ela foi como perceber que a grandeza de Cesária se perpetua nas gerações que vêm após ela. Quando Janete me contou histórias da avó, com os olhos brilhando e a voz carregada de amor e orgulho, senti que estava diante de uma lenda viva. Ela falou sobre a leveza de Cesária, sobre sua humildade diante de uma fama imensa, e como ela, ainda hoje, é a alma de Cabo Verde. A frase que mais me marcou, dita por Cesária, foi: “O mar canta uma canção... nós é que não entendemos.” Não sabia ao certo se ela se referia à própria música ou à melodia que o mar, com suas ondas e marés, toca nas praias, mas, de alguma forma, todas as palavras e sentimentos convergiam para a ideia de que a música é mais do que uma simples melodia – é uma linguagem universal, uma forma de nos conectar com aquilo que nos transcende, com a força da natureza e com a alma do povo.

A força de Cesária Évora, que ecoa no vento e nas ondas do mar, também encontrou um reflexo nas palavras de Natasha Craveiro, que, assim como a cantora, representa a resistência das mulheres que não se deixam calar. As duas, de formas distintas, representam a luta, a dor, a beleza e a potência de ser mulher negra em um mundo que muitas vezes tenta silenciar essas vozes. Ambas, através de suas trajetórias, me ensinaram que o verdadeiro canto da liberdade está na capacidade de se expressar, de levar adiante a memória de um povo e, principalmente, de manter viva a chama da esperança.

Naquele momento, na terra de Cesária, compreendi de maneira sensível que o mar realmente canta, e que é nossa missão aprender a escutar suas melodias, suas histórias e, principalmente, seu ensinamento de resistência.

Entre as palavras de Janete e as músicas de Cesária, encontrei uma imensidão de sabedoria, algo que vai além das fronteiras geográficas e culturais, algo que permanece no coração de quem ousa ouvir com o coração.

E o que fica? Fica a certeza de que as mulheres de Cabo Verde e suas canções são eternas. Como Cesária, como Natasha, como as Artesãs da Olaria de Fonte Lima, como as Batucadeiras, como tantas outras, elas cantam, oralizam, dançam, performam e ensinam a todos nós a beleza da luta, do amor e da história que não pode ser esquecida.

Devo ressaltar que a língua crioula em Cabo Verde não é apenas uma forma de comunicação, mas um símbolo de resistência e sobrevivência, uma expressão pulsante de um povo que, através de sua história de colonização, jamais deixou que sua essência fosse apagada. Quando ouvi as primeiras palavras em crioulo, “oi, tudo dreto?!”, “modi ki bu txoma?”, “Nha Kretcheu”, “Fidju de Terra”, “Kanto ta custa?”, “Morabeza”, “N’kré kumi cachupa”, “És komida sta sabi”... senti que a língua falada pelas pessoas de Cabo Verde não apenas ressoava os sons do passado, mas trazia consigo um poder incontido, uma força de resistência que se negava a se submeter aos dominadores.

O crioulo é um grito de liberdade e de identidade, uma língua que, apesar de ter sido considerada, por muitos anos, uma "linguagem inferior", carrega em sua opacidade um mistério, um jogo de palavras que desobedece aos padrões e normas da colonização. Sua própria existência é uma afirmação de que a cultura do povo cabo-verdiano não foi e nunca será subjugada, mas se reinventou nas entrelinhas, nas palavras que não se entendem ao primeiro ouvido, mas que dizem tudo para quem realmente escuta.

A língua crioula é como o mar que banha as ilhas, ora calma e serena, ora agitada e tempestuosa. Ela é opaca porque fala o que muitos não querem ouvir, carrega nas suas sonoridades uma resistência que reflete o próprio espírito do povo cabo-verdiano. A opacidade do crioulo não é apenas uma característica linguística, mas um poder de transgressão, um escudo contra os que tentam reduzir as vozes a um padrão único. O crioulo não se deixa aprisionar, assim como as histórias e as lutas do povo que o fala. Ele é um elo entre o passado e o presente, entre a África e o Atlântico, entre as ondas e a terra firme, uma língua que é ao mesmo tempo uma forma de resistência e de reatualização constante do seu povo.

Em meio a essa força linguística, houve também um encontro que me marcou profundamente: a conversa com o ex-presidente, comandante e guerrilheiro pela independência de Cabo Verde, Sr. Pedro Pires. Ao estar diante de sua figura, senti a presença de um homem que representa a própria pulsão de vida de Cabo Verde. Sua palavra era firme, mas acolhedora, e quando falava sobre a trajetória da nação, sobre a luta pela independência e sobre os desafios que ainda persistem, a cada frase sua parecia vibrar o próprio coração de Cabo Verde. Ele falava com uma lucidez que transcendia os detalhes históricos, pois sua fala não se restringia ao relato dos feitos, mas trazia consigo uma lição de humanidade, de resiliência e de esperança.

Pedro Pires, com sua visão de futuro e sua experiência de luta, se revelou como uma figura que compreende que a verdadeira força de um povo está nas suas palavras, nas suas escolhas e, principalmente, na sua capacidade de olhar para o futuro sem esquecer o passado – Sankofa, Presente! As palavras do comandante não foram apenas de história política, mas de vida – a vida que pulsa em cada ação, em cada gesto que foi dado, em cada vitória conquistada pelo povo cabo-verdiano. A presença de Pedro Pires reafirma que a pulsão de vida de Cabo Verde está na sua capacidade de seguir em frente, de se reinventar e, ao mesmo tempo, de nunca abandonar as suas raízes. Ele é o reflexo de um país que, como o crioulo, se nega a ser apagado e ressurge a cada nova geração com a mesma força que resistiu a séculos de opressão, sobretudo ao racismo colonial.

Esses encontros, tanto com a língua quanto com o ex-presidente, me mostraram que Cabo Verde é um lugar onde o passado e o presente se entrelaçam de forma orgânica, onde as palavras, seja no crioulo ou no discurso de seus líderes, têm o poder de manter viva a memória de um povo. A língua crioula e a fala de Pedro Pires são duas manifestações dessa força, da pulsão de vida que é incontável e imortal. Cabo Verde, com sua história de resistência e sua cultura vibrante, continua a ensinar o mundo que, às vezes, é na opacidade e na subversão da norma que encontramos a verdadeira liberdade. Em Cabo Verde, aprendi a compreender o peso histórico do processo colonizador, tão presente na memória coletiva, como as marcas da resistência que transformaram um pequeno arquipélago num símbolo de superação. O relato da luta pela independência, repleto de sofrimento e garra, tocou profundamente minha alma, revelando que as feridas da colonização ainda se perpetuam nos corpos e nas relações, tanto em Cabo Verde quanto no Brasil. A conexão entre os dois países me fez refletir sobre a formação sócio-territorial, sobre como os contextos sociais e culturais se moldam a partir dessa história compartilhada de opressão e resistência.

No Brasil, o ressoar da luta quilombola ecoou como um canto distante, mas profundo. Compreendi que as ações afirmativas e as políticas públicas não são apenas medidas para reparar, mas para restaurar identidades e recuperar histórias silenciadas. As discussões sobre a questão racial e o pensamento de Lélia Gonzalez me mostraram como o racismo brasileiro se entrelaça com uma história de resistência que se reflete nas gerações atuais, nas vozes de mulheres negras, como a de Conceição Evaristo, Beatriz Nascimento, Preta Tia Simoa, Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus, Neusa Santos e tantas outras que nos desafiam a refletir sobre interseccionalidade e sobre como a educação, a arte e a cultura deve ser um campo de luta e de emancipação.

Como artista e professore, ao me deparar com essas questões, percebi a necessidade urgente de fomentar uma educação que não se limite a dogmas históricos ou aos saberes eurocêntricos, mas que acolha as diversidades, as culturas e as (nossas) histórias locais. Em minha vivência pedagógica, nos encontros artísticos e nos momentos de intercâmbio, busquei construir pontes com os saberes populares, com a educação escolar quilombola e com os movimentos de resistência que, por muito tempo, foram invisibilizados. Ver os jovens cabo-verdianos discutindo suas identidades me fez acreditar que a arte e a educação precisam ser não só um processo de transmissão, mas de transformação social.

Por fim, a troca de saberes entre os dois países não foi apenas acadêmica e intelectual, mas também um abraço afetivo e profundo.

Compartilhar a experiência de viver o cotidiano dos cabo-verdianos e brasileiros foi entender que as fronteiras não se limitam aos mapas, mas estão nas narrativas que construímos e compartilhamos.

Através dessas trocas, compreendi que a construção de um futuro livre de desigualdades passa pela valorização das nossas raízes, pela reparação dos erros históricos e pela construção de uma sociedade mais justa, com um olhar atento à interseccionalidade, à luta das mulheres negras, das LGBTQIAPN+ negras e ao direito à educação de qualidade.

Cada passo desta jornada me levou a refletir sobre minha própria prática artística e pedagógica, sobre como posso contribuir, de forma criativa e transformadora, para o aprendizado de meus pares e estudantes, para que se tornem, assim como eu, agentes de um mundo mais inclusivo, justo e preto. Este memorial é mais do que um relato, é a celebração de um caminho de aprendizado, de empoderamento, de (r)existência e sobretudo a travessia ancestral dAs Duas Margens do Atlântico.

Com carinho e sodade (saudade em crioulo cabo-verdiano),

Jeff Santos
daqui da outra margem do atlântico

As Duas Margens do Atlântico exercita a anticolonialidade, convoca a reparação histórica... abertura de outros caminhos por vir, sobretudo na valorização das tecnologias ancestrais e intelectualidade preta, também presentifica conceitualmente o pensamento sobre cosmopoéticas da fuga e corpografias em contexto.

As Duas Margens do Atlântico transversaliza as poéticas do corpo, da memória, da natureza, da identidade e da ancestralidade, expandindo o campo de discussões da Arte e da Cultura em direção à valorização e à investigação do que tenho denominado de “corpografias em contexto”, poéticas corporais que indicam saberes localizados, desobedientes e coexistentes. Focando-se na criação artística através do corpo, essa obra produz interseccionalidades entre a aprendizagem cosmopoética, cosmopolítica e a corpolítica, ao mesmo tempo em que opera, de um lado, no reconhecimento e resistência da identidade pela opacidade e, de outro, na promoção do pacto de eco e afro saberes.

...de volta pra casa
a travessia
os caminhos navegantes da corpa negra
as giras epistemológicas
tecendo opacidade
poesia afética (afeto+estética)
refúgio
acolhimento
no colo da Mãe África





03

Imagens da Obra

04 Expografia

As Duas Margens do Atlântico propõe para o Projeto Experimental (TCC) no curso de Licenciatura em Dança - UFC expor 2 (duas) fotoperformance: 1 (uma) fotoperformance produzida às margens de Cabo Verde (África) e 1 (uma) fotoperformance produzida às margens do Brasil (América do Sul). Além de expor a bandeira com os dizeres “AS DUAS MARGENS DO ATLÂNTICO”, de forma espiralada.

As duas fotoperformance estarão sublimadas em tecidos.

Cidade Velha,
Ilha de Santiago, Cabo Verde
Foto: Nine Gomes

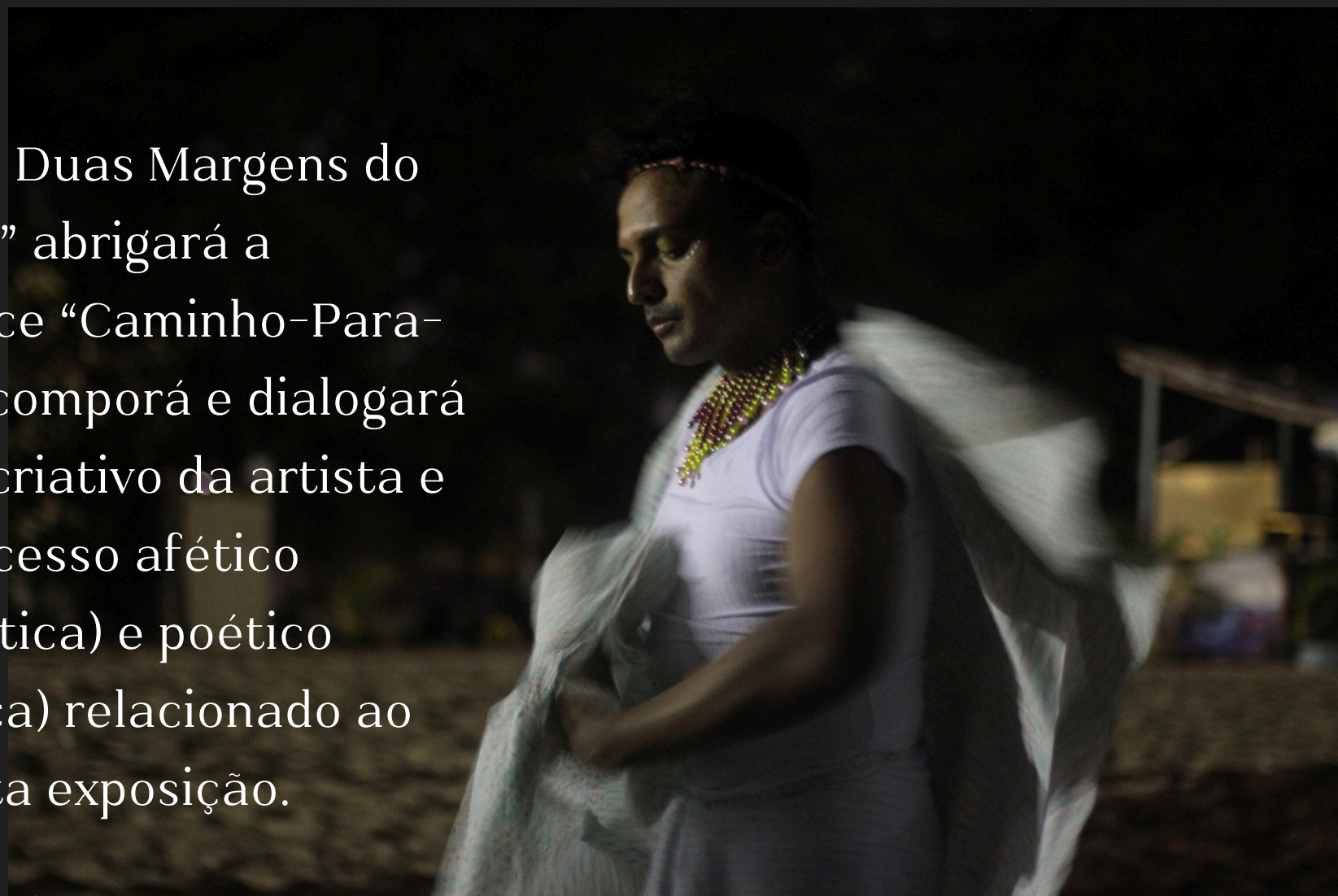


Barra do Ceará,
Fortaleza, Ceará, Brasil
Foto: Rafael Maia

04 Expografia

A exposição “As Duas Margens do Atlântico” abrigará a videoperformance “Caminho-Para-Mar” (2021), que comporá e dialogará com o percurso criativo da artista e com o processo afético (afeto+estética) e poético (poesia+estética) relacionado ao tema desta exposição.

A ideia é que a a videoperformance seja projetada no backdrop branco retrátil, ou seja, será necessário que o projetor esteja numa posição estratégica na sala expositiva, fazendo o espelhamento da videoperformance em três telas.



Ponte Velha,
Poço da Draga,
Fortaleza - CE



Imagens da gravação da
videoperformance
“Caminho-Para-Mar”
Créditos: Ana Aline Furtado e
Pedro Rodrigues

04 Expografia | Ficha Técnica e Materiais

Ficha Técnica:

Obra: As Duas Margens do Atlântico, 2024 | Cabo Verde e Brasil | Fotoperformance em Tecido

Técnica utilizada: Sublimação de Fotoperformance em Tecido

Material: Bandeira (tecido 100% poliéster)

Quantidade de peças: 3

Tamanho: 1,5 x 1,0 m cada bandeira

Materiais:

- Fios nylon ou fios finos de aço inoxidável (Quant.: 6 | Dimensão: 3,0 a 3,5 m);
- Suportes com ilhoses ou anéis (Quant.: 6);
- Mastro de bandeira (Quant.: 3);
- Areia do mar (Quant.: 20 kg)
- Barquinhos de papéis (Quant.: 100)
- Garrafas de vidro (Quant.: 3)
- Projetor (Quant.: 1)
- Spots com luz (Quant.: variáveis)

04 Expografia | Montagem

Etapas da montagem da obra:

1. As Bandeiras:

- Tecido: 100% poliéster, com durabilidade e resistência, permitindo a captação de luz, criando um efeito etéreo e valorizando as imagens na bandeira.
- Dimensões: 1,5m x 1,0m, conforme especificado.

2. Localização e Disposição:

- Sala de exposição: O pé-direito alto do espaço expositivo é ideal para a instalação. A posição das bandeiras deve ser estratégica, considerando o fluxo de visitantes e a visibilidade a partir de diferentes pontos do espaço expositivo.
- Alturas Diferentes: A diferença de 50cm entre as alturas (3m e 3,5m, a depender do espaço expositivo para a obra) cria um dinamismo sutil, evitando uma composição estática.
- Ângulo: A inclinação de 15° em direções opostas simboliza o diálogo e a conexão entre as margens, como se as bandeiras estivessem se "encontrando" no espaço.

04 Expografia | Montagem

Etapas da montagem da obra:

3. Suspensão:

- Fios de Nylon ou de Aço Inoxidável: Fios finos e quase invisíveis são essenciais para a ilusão de flutuação.
- Suportes com Ilhoses ou Anéis: Os suportes devem ser discretos e permitir o movimento natural do tecido com as correntes de ar, reforçando a leveza e a fluidez.

4. Base:

- Areia do Mar: Ficará disposta abaixo das 3 (três) bandeiras, de forma circular e totalmente preenchendo a base debaixo das bandeiras.
- Barquinhos de Papéis: Serão colocados 500 (quinhentos) ou a quantidade ideal de barquinhos de papéis que possam correlacionar visualmente com as três bandeiras suspensas.

04 Expografia | Montagem

Etapas da montagem da obra:

5. Iluminação:

- **Destaque Dramático:** A iluminação é crucial para a atmosfera.
- **Spots Direcionados:** Spots com luz quente (amarelo e âmbar suave) devem iluminar as bandeiras de cima, destacando a textura do tecido e as imagens sublimadas. A intensidade deve ser ajustada para evitar reflexos e garantir a visibilidade das imagens.
- **Feixe de Luz Cruzado:** A projeção de luz de baixo para cima cria sombras dramáticas no chão, aumentando a sensação de grandiosidade.
- **Controle da Luz Natural:** Se houver muita luz natural no espaço expositivo, considerar o uso de cortinas ou filtros para controlar a intensidade e evitar que a iluminação artificial perca o efeito.

6. Projeção:

- Posicionar o projetor no centro do teto da sala expositiva, que fique entre as bandeiras suspensas e os montes de areia do mar, o qual possa fazer o espelhamento da vídeoperformance no chão.

04 Expografia | 1ª Simulação da montagem da obra

Fios finos de nylon ou aço inoxidável

Mastro de bandeira

Bandeira 1

Areia do mar

Fios finos de nylon ou aço inoxidável

Mastro de bandeira

Bandeira 2

Barquinhos de papéis



04 Expografia | 2ª Simulação da montagem da obra

Fios finos de nylon ou aço inoxidável

Ilhoses ou Anéis de aço inoxidável

Bandeira 2

Bandeira 3

Garrafas de vidro

Bandeira 1

Areia do mar

Barquinhos de papéis



04 Expografia | 3ª Simulação da montagem da obra



Projeção da videoperformance
“Caminho-Para-Mar”

Jeff Santos

PORTFÓLIO ARTÍSTICO:

<https://drive.google.com/file/d/18NGhaNkH4TtkAEgFChabADtzjOiSUaDj/view?usp=sharing>

(85) 996936527

jeffazarte@alu.ufc.br

@jefffazarte

<https://jeffersonskorupski.wixsite.com/jskorupski>

<https://linktr.ee/Jeffazarte>

REFERÊNCIAS

BONA, Dénèten Touam. **Cosmopoéticas do refúgio**. Tradutora Milena P. Duchiede – Florianópolis, SC: Cultura e Barbárie, 2020.

CRAVEIRO, Natasha. **Pirinha**. Cabo Verde, 2024. Documentário, 53 minutos. Produzido por Korikaxoru Films.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivência: a escrita de nós**. São Paulo: Pallas Editora, 2020.

FONSECA, Ana Sofia. **Cesária Évora**. Portugal, 2022. Documentário, 94 minutos. Produzido por Carrossel Produções e Até ao Fim do Mundo.

GLISSANT, Édouard. **Poética da Relação**. Trad. Marcela Vieira e Eduardo Jorge de Oliveira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

GONZALEZ, Lélia. “**A categoria político-cultural de amefricanidade.**” In: SILVA, Petronilha B. G. (Org.). *Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, n. 92/93, 1988.

HARNEY, Stefano.; MOTEN, Fred. **The Undercommons: Fugitive Planning & Black Study**. 1. ed. New York City: Autonomedia, 2013.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

_____. **Afrografias da memória: O Reinado do Rosário no Jatobá**. 1. ed. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

SAAVEDRA, Carola. **O Mundo Desdobrável: Ensaio para Depois do Fim**. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2021.